

## POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ NA GUERRA DO PARAGUAI

### MILITARY POLICE OF PARANÁ IN THE PARAGUAY'S WAR

Roberson Mendes Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estudo busca resgatar e apresentar a participação dos membros da Polícia Militar do Paraná no maior conflito da história da América do Sul, a guerra que ocorreu entre o Paraguai, governado pelo ditador Francisco Solano López, e os países aliados: Argentina, Brasil e Uruguai. O trabalho avalia as condições institucionais da corporação na época do evento, as dificuldades relacionadas ao efetivo reduzido, a atuação destacada de alguns militares durante a campanha, e o empenho do Império do Brasil em convocar combatentes para a defesa da nação, criando os Corpos de Voluntários da Pátria. A instituição Polícia Militar do Paraná possuía poucos anos de atividade; mesmo assim, conseguiu cumprir sua missão de defesa da lei e da ordem em um momento em que o Brasil era surpreendido por ataques e invasões de uma nação estrangeira, que possuía um exército bem preparado e com grande contingente. Seu mandatário tinha em seus planos uma nova configuração geopolítica para a região sul do continente americano. A participação dos Corpos de Voluntários da Pátria, aos quais foram integrados policiais militares da província do Paraná, foi fundamental para o desfecho da guerra e a vitória.

**Palavras-chave:** Guerra do Paraguai. Polícia Militar do Paraná. Voluntários da Pátria.

1613

**ABSTRACT:** The study seeks to rescue and present the participation of members of the Military Police of Paraná in the biggest conflict in the history of South America, the war that occurred between Paraguay, governed by the dictator Francisco Solano López, and the allied countries: Argentina, Brazil and Uruguay. The work evaluates the institutional conditions of the corporation at the time of the event, the difficulties related to the reduced number of personnel, the outstanding performance of some military personnel during the campaign, and the commitment of the Empire of Brazil to call on combatants to defend the nation, creating the Volunteer Corps of the Fatherland. The Paraná Military Police institution had only been active for a few years; Even so, it managed to fulfill its mission of defending law and order at a time when Brazil was surprised by attacks and invasions from a foreign nation, which had a well-prepared army with a large contingent. His president had in his plans a new geopolitical configuration for the southern region of the American continent. The participation of the Fatherland Volunteer Corps, which included military police officers from the province of Paraná, was fundamental to the outcome of the war and victory.

**Keywords:** Paraguayan War. Military Police of Paraná. Volunteers of the Fatherland.

---

<sup>1</sup>Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Pitágoras Unopar. Especialista em História da América e em História das Religiões pela Faculdade de Minas - Facuminas. Técnico em Edificações pelo Centro de Educação Profissional de Curitiba. Soldado na Polícia Militar do Paraná. Instrutor de História da Polícia Militar do Paraná no Curso de Formação de Praças CFP 2022-2023.

## INTRODUÇÃO

O interesse na expansão territorial por Estados e impérios possui registros na antiguidade; geralmente, uma nação pretende se sobrepor a outra, adquirindo seu território pelos mais diversos motivos e gerando conflitos entre os povos. Esse tipo de disputa existiu nas primeiras civilizações complexas: egípcios, hebreus, fenícios e persas, chegando ao período contemporâneo com alguns combates ao redor do mundo. Podemos citar, como exemplo de conflito por território na atualidade, a guerra entre Rússia e Ucrânia. Na história dos países sul-americanos, não foi diferente, houveram conflitos de interesses territoriais e econômicos, mas um em específico, conhecido como Guerra do Paraguai, tomou proporções que envolveram quatro países do continente, ocasionando uma grande mobilização entre os brasileiros na segunda metade do século XIX.

O Brasil não possuía grandes unidades militares organizadas e instruídas para entrar em um confronto; entretanto, a violação do território nacional despertou as energias latentes do império. As crueldades praticadas pelos invasores nos territórios ocupados irromperam um clamor de guerra que contribuiu para a formação dos Corpos de Voluntários da Pátria, onde foram incorporados paranaenses oriundos dos mais diversos rincões do estado, fornecendo os principais contingentes para o enfrentamento do exército de Francisco Solano López. O dever patriótico de defender a nação e a necessidade de reação por parte do Império do Brasil, atacado e invadido pelas tropas paraguaias, serão abordados nos tópicos seguintes deste artigo; a ênfase ocorrerá na participação da recém-criada província do Paraná por meio de sua Companhia de Força Policial<sup>2</sup>, que enviou seus membros aos territórios mais longínquos e inóspitos para repelir a agressão injusta que o país veio sofrer.

1614

## A GUERRA DO PARAGUAI

Na segunda metade do século XIX o Império Brasileiro foi obrigado a travar uma guerra contra uma nação estrangeira, o Paraguai, a “maior guerra da história da América do Sul”. (MOTA, 1995) As causas mais prováveis do conflito estão relacionadas ao interesse na expansão do território paraguaio pelo seu presidente Francisco Solano López, ditador absoluto, assim como seus antecessores, José Gaspar Rodríguez de Francia e Carlos Antonio López, que sonhava em ampliar as suas fronteiras, pois “um dos sonhos de Solano López era criar o Grande

---

<sup>2</sup> Nome da Polícia Militar do Paraná - PMPR, quando ocorreu a sua criação.

Paraguai, cujo território agregaria, ao norte, o Mato Grosso; ao sul, o extremo norte argentino, o Rio Grande do Sul e o Uruguai.” (NARLOCH, 2011, p.181).

Foi exatamente a relação mantida entre Brasil e Uruguai que daria início ao conflito, cabe aqui uma breve análise sobre esses países para melhor compreender a situação à época. A região que hoje compõe o Uruguai era de interesse da coroa portuguesa desde a descoberta de metais preciosos na América hispânica, sendo invadida em 1816 e anexada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em 1821, com o nome de província Cisplatina. A perda do território ocorreu definitivamente em agosto de 1828, após um tratado de paz entre o Império Brasileiro e a Argentina, mediado pela Inglaterra, resultando na criação da República Oriental do Uruguai. Em virtude da sua importante posição no estuário do Rio da Prata, Brasil e Argentina permaneciam atentos à política externa do Uruguai, intervindo nos problemas do país sempre que o partido no poder pudesse oferecer risco à navegação na região.

O Paraguai estava sob a presidência de Carlos Antônio López desde 1840, que possuía boas relações diplomáticas com o Império Brasileiro. Foi ele quem abriu o país ao comércio exterior, sendo essa ação considerada uma das origens da grande conflagração. Com a integração do Paraguai no comércio mundial, o ditador argentino Juan Manuel Rosas impôs um bloqueio econômico ao país vizinho, com estes problemas de fronteira “Carlos López dedica-se à criação de um bem adestrado exército, preparado por oficiais alemães e equipado com armamentos europeus”. (MOTA, 1995) Em 1855, Francisco Solano López<sup>3</sup>, filho do presidente, “foi mandado à Europa numa missão de estudos e observações militares”. (MARTINS, 1937, p.291) Ao retornar à América foi nomeado ministro da Guerra ainda no governo de seu pai, tornando o exército numeroso e bem preparado. Assumiu definitivamente a presidência do país em 1862 após a morte do genitor, enfatizando a construção de fortalezas como Humaitá, Curuzu e Curupaiti, contratando técnicos estrangeiros para instruções e construções militares, organizando também uma frota de guerra com vapores e arsenais para a fundição de canhões.

No ano de 1845 o Império Brasileiro formalizou aliança com o partido político uruguaio denominado Partido Colorado, de Fructuoso Rivera, opositores do Partido Branco, fundado por Manuel Oribe. Os *blancos* retornaram ao poder em 1860, simpatizantes das ambições de Solano López, que ao assumir a presidência do Paraguai tentava articular uma nova configuração geopolítica na América do Sul, a aproximação entre *blancos* e *lopistas* incomodava o Império,

---

<sup>3</sup>Segundo o historiador e genealogista Narciso Binayán Carmona, membro da Academia Paraguaia de História, López era descendente direto do descobridor e colonizador espanhol Domingo Martínez de Irala.

pois essa aliança começou a manifestar uma força contra a hegemonia brasileira na região do Prata. (SOARES, 2024) Assim, ocorreu uma intervenção político-militar do Brasil no Uruguai em 1864, juntamente com a Argentina, trabalhavam na recondução dos membros do Partido Colorado, liderados por Venâncio Flores, ao poder em Montevideú, e esse foi o estopim da guerra.

Solano López protestou contra a intervenção brasileira, qualificando-a como atentatória ao equilíbrio dos Estados do Prata, que interessava à República do Paraguai como garantia de sua segurança, paz e prosperidade. (MOTA, 1995) Em 11 de novembro de 1864, o presidente paraguaio fechou o acesso ao rio Paraguai, capturou o vapor brasileiro Marquês de Olinda e aprisionou o coronel Carneiro de Campos, presidente da província do Mato Grosso, ocupando a região com uma coluna comandada por Francisco Isidoro Resquim, invadindo também o Rio Grande do Sul e o território argentino de Corrientes. As relações diplomáticas entre Brasil e Paraguai foram rompidas, a guerra teve início com duas frentes de batalha: “na Argentina, com a ocupação de Corrientes, no Brasil com a invasão no Mato Grosso e a tomada do forte de Coimbra, da cidade de Corumbá [...]”. (ROSA FILHO, 2000, p.5)

## PRIMEIRA COMPANHIA DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

1616

Para fazer frente ao exército paraguaio, que contava com poderosa artilharia e farto material bélico, a época dos ataques o Brasil possuía um efetivo militar reduzido e disseminado pelo império, o governo se viu obrigado a recorrer à mobilização dos corpos de polícia das províncias para constituir os batalhões de Voluntários da Pátria, no dia 7 de janeiro de 1865, foi baixado o Decreto nº 3.371, criando, extraordinariamente os corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de 18 e menores de 50 anos que voluntariamente quiserem se alistar. Na parte relacionada às polícias militares o ato dispunha em seu artigo 13º a seguinte redação: “As praças dos Corpos Policiais do Império, e os indivíduos que já tiverem obtido baixa desses corpos e dos de primeira linha, terão todas as vantagens concedidas aos voluntários Guardas Nacionais”. (BRASIL, 1865)

Nesse contexto, o Paraná era a mais nova província do Império, criado pela Lei nº 704, de 29 de agosto de 1853. Obteve a sua emancipação política quando o seu primeiro presidente, Zacarias de Góis e Vasconcelos, instalou o governo no dia 19 de dezembro de 1853, deixando de ser definitivamente a Quinta Comarca da Província de São Paulo. Entre os primeiros feitos está a criação da Companhia de Força Policial do Paraná, através da Lei nº 7, de 10 de agosto de 1854,

com efetivo inicial de sessenta e sete homens. Ou seja, entre sua data de criação e o Decreto n° 3.371, que criou os Corpos de Voluntários da Pátria, a corporação possuía apenas dez anos, quatro meses e vinte e oito dias de existência.

No início da guerra a Companhia de Força Policial era comandada pelo Capitão Manoel Euphrasio D'Assumpção, com um pequeno aumento na previsão de seu efetivo para setenta e um homens, conforme consta na Lei n° 102, de 18 de maio de 1864. Com esse reduzido número de policiais militares não foi possível transformar a companhia em um corpo de Voluntários da Pátria, como ocorreu em outras províncias do Império com suas forças policiais. Governava o Paraná, nesse então, o presidente André Augusto de Pádua Fleury, que, a fim de aumentar o contingente do exército para a guerra, invocou o patriotismo dos membros da Assembleia e das Câmaras Municipais, comandantes superiores, juízes de direito, e de todos os cidadãos que pudessem auxiliar em tão nobre empenho. (CARNEIRO, 1995, p.35)

Foram designados como recrutadores de voluntários o tenente Antônio Emílio Vaz Lobo e o Alferes Nicolau José Lopes, ambos nomeados por ato do Ministério da Guerra. O primeiro ficou responsável pela comarca de Curitiba e o segundo pela comarca de Castro. Além disso, de forma voluntária, o Alferes Nestor Augusto Morocines Borba se ofereceu para captar voluntários entre os habitantes de Guarapuava, inclusive pedindo licença ao presidente Pádua Fleury para contar com parte dos índios Coroados destacados sob seu comando. Os três oficiais têm seus nomes registrados nos livros da corporação como integrantes da Companhia de Força Policial. (ROSA FILHO, 2000)

1617

Os primeiros policiais militares voluntários para o combate foram incorporados a Primeira Companhia de Voluntários do Paraná em fevereiro de 1865, constituída por um total de setenta e cinco praças e três oficiais (CARNEIRO, 1995; ROSA FILHO, 2000), sendo: 1º sargento Bento Luciano da Silva Cordeiro, nascido em 1841 em Morretes, praça de 1º de agosto de 1859; cabo Isidoro Gonçalves de Araújo, nascido em 1841 em Parati, Rio de Janeiro, praça de 5 de setembro de 1863; cabo Antônio Domingos Cordeiro, nascido em 1843 em Paranaguá, praça de 13 de fevereiro de 1862; músico Clarimundo José da Silva, nascido em 1845 em Paranaguá, praça de 25 de julho de 1861; músico Manoel Ephigênio dos Santos, nascido em Tindiquera, atual cidade de Araucária, praça de 1864; músico Manoel Nascimento da Silva, nascido em 1847 em Curitiba, praça de 7 de março de 1862; soldado Basílio Garcia Gonçalves, nascido em 1846 em Morretes, praça de 10 de abril de 1862; soldado Antônio José Rodrigues, nascido em 1844 em Antonina, praça de 4 de setembro de 1863; soldado João Batista de Oliveira, nascido em 1846 em

Rio Negro, praça de 31 de dezembro de 1864; soldado Diogo José do Nascimento, nascido em 1846 em Campo Largo, praça de 1º de janeiro de 1865; soldado Francisco Antônio da Cruz, nascido em 1841 em Paranaguá, praça de 3 de novembro de 1862; e soldado Fidêncio Lemos do Prado, nascido em 1844 em Curitiba, praça de 19 de novembro de 1864; soldado Ignácio Martins, nascido em 1841 em Antonina, praça de 16 de julho de 1859; soldado João Antônio da Luz, nascido em 1833 na antiga 10ª Comarca de São Paulo, praça de 10 de dezembro de 1854; corneteiro Antônio Roberto, nascido em 1841 em Curitiba, praça de 28 de abril de 1860; corneteiro Miguel Gonçalves, nascido em 1845 em Curitiba, praça de 15 de dezembro de 1863; corneteiro Manoel Andrade do Rosário, nascido em 1844 em Paranaguá, praça de 9 de setembro de 1862; e o corneteiro Francisco Martins de Sá, nascido em 1845 em Paranaguá, praça de 1º de setembro de 1865.

O jornal *Dezenove de Dezembro*, em sua edição nº 568, de 1º de março de 1865, publicou uma matéria sobre a partida dos Voluntários da Pátria para a Corte no dia 2 de março de 1865, informando que a Primeira Companhia de Voluntários do Paraná, na qual foram inseridos os dezoito<sup>4</sup> militares da Companhia de Força Policial, seguiria rumo ao Rio de Janeiro comandada pelo encarregado de artigos bélicos alferes do estado-maior da 2ª classe Antônio João de Lyra Flores, destacando:

[...] É o Paraná que se ergue também para vingar a injúria pagando seu tributo patriótico de sangue. Eia! Avante! Paranaenses!... Correi às armas!... Acompanhai ao campo de batalha este grupo majestoso de voluntários que ovante marcha em defesa da honra, da dignidade e do esplendor da pátria! (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1865, p.3)

1618

Na manhã seguinte, antes de irem para o embarque, a Primeira Companhia de Voluntários do Paraná desfilou pelas ruas de Curitiba sob aclamação da população.

## POLICIAIS MILITARES EM DESTAQUE

Alguns policiais militares integrantes da Primeira Companhia de Voluntários do Paraná permaneceram nas fileiras até o final da guerra, resistindo à longa e penosa jornada, onde ocorreram diversas batalhas, marchas e assaltos. Ao músico Clarimundo José da Silva, um dos primeiros voluntários a seguir para o Paraguai, vítima de epidemias como cólera<sup>5</sup> e varíola, foi designada, entre outras missões, treinar os ouvidos das tropas. Ele participou de uma das

<sup>4</sup> Quantitativo apresentado pelo Capitão João Alves da Rosa, estudioso impertinente dos episódios marcantes da história da PMPR, foi membro do Museu da PMPR, se debruçou nos livros históricos *Escalla de Abono de Serviços* e *Mestre* da corporação de onde extraiu dados até então desconhecidos da corporação.

<sup>5</sup> Doença bacteriana infecciosa intestinal aguda que assolava as tropas.

maiores batalhas ocorridas em território sul-americano, a sangrenta, cruel e decisiva Batalha de Tuiuti, em maio de 1866. Mesmo com a derrota paraguaia no confronto, restaram muitos feridos e mortos do lado aliado, como os soldados João Pereira de Oliveira e Antônio Joaquim de Mello<sup>6</sup>, membros da Companhia de Força Policial do Paraná. (ROSA FILHO,<sup>2000</sup>; TOLEDO JÚNIOR, 2024) Clarimundo voltou da guerra com muitas medalhas e a graduação de sargento, sendo posteriormente nomeado mestre da Banda de Música.

O soldado Fidêncio Lemos do Prado, que integrou a Companhia de Força Policial por um curto período, apresentou-se como voluntário em janeiro de 1865. Em março, passou a fazer parte da 4<sup>a</sup> Companhia do 27<sup>o</sup> Corpo de Voluntários, foi ferido na Batalha de Tuiuti em maio de 1866, marchou de Tuiuti à Tuiucuê, participou do assalto as trincheiras na Batalha de Sauce, evento que ocasionou muitas baixas entre os aliados, e marchou de Curupaiti para Humaitá. Tomou parte nos combates de Lomas Valentinas e na rendição da guarnição do Forte de Angostura, esteve no assalto a Vila de Peribebeú, onde ocorreu a morte do Coronel João Manoel Mena Barreto, e resistiu na campanha até a ocupação da cidade de Assunção, capital da República do Paraguai, em janeiro de 1869, pelo Exército Brasileiro.

Fidêncio Lemos do Prado, segundo seus próprios relatos, foi o responsável por resgatar a bandeira do Brasil Imperial nos aposentos do ditador Solano López, juntamente com os policiais militares Antônio Roberto e Clarimundo José da Silva. Como veterano de guerra, aos 78 anos de idade, esteve na redação do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, acompanhado de seu filho Joaquim Lemos do Prado, descrevendo o evento com detalhes. A narrativa comoveu a todos e foi publicada na edição n<sup>o</sup> 253, do dia 13 de setembro de 1922. Relatou que foram eles<sup>7</sup> os primeiros militares brasileiros a se dirigirem ao palácio do governo na cidade de Assunção, com o objetivo de apreciar a beleza do edifício, cuja arquitetura atraiu a atenção. Encontraram um grande arquivo contendo papéis de música, enquanto Antônio Roberto e Clarimundo José se entretinham com as partituras ele subiu para último andar, entrando em um gabinete, deparou-se com a bandeira brasileira sendo utilizada como tapete do ditador em seu escritório. Ao interrogar três paraguaios que acompanhavam Solano López e permaneceram refugiados nas adjacências da cidade, identificados como Romão Braga, Ocalino Banio e João Martins,

---

<sup>6</sup> Conforme a Ordem do dia n<sup>o</sup> 525, de agosto de 1866, que compõe o acervo do Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, João Pereira de Oliveira pertencia ao 4<sup>o</sup> Corpo de Voluntários da Pátria e Antonio Joaquim de Mello pertencia ao 41<sup>o</sup> Corpo de Voluntários da Pátria quando morreram em combate na Batalha de Tuiuti.

<sup>7</sup> Acompanhado dos membros da Companhia de Força Policial Clarimundo José da Silva e Antônio Roberto.

descobriu que duas bandeiras foram removidas do vapor aprisionado Marquês de Olinda, e umas delas teria ficado no Quartel General de Humaitá, utilizada com a mesma finalidade.

O veterano deixou o estandarte na redação do Jornal do Comércio, solicitando que dessem o destino que melhor encontrassem ao símbolo da pátria. Este foi posteriormente entregue ao diretor do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, compondo seu acervo até hoje. Fidêncio Lemos do Prado recebeu muitas medalhas e honrarias; em maio de 1870, foram-lhe concedidas as honras do posto de Alferes do Exército. Seu nome foi dado a uma praça na cidade de Curitiba<sup>8</sup>, e, no ano de 2021, o mesmo ocorreu na cidade de Imbituva, local onde residiu até a data de seu falecimento em 1927, aos 83 anos, com as honras do posto de Major do Exército Brasileiro.

No decorrer da guerra, outras unidades foram organizadas no Paraná, nas quais foram incorporados novos voluntários oriundos da Companhia de Força Policial. Outro destaque nos confrontos é o soldado Vicente Nery Pereira, nascido em 1839 na Província de Minas Gerais. Praça de 13 de janeiro de 1859, filho de escravos, obteve a sua liberdade em 1858 e veio para o Paraná, onde ingressou nas fileiras da corporação, operando nas cidades de Castro e Ponta Grossa. Atendendo ao apelo das autoridades que buscavam voluntários por todo o país, Vicente Nery se apresentou para a guerra em abril de 1865, incorporando os corpos de voluntários da província do Paraná organizados pelo presidente Pádua Fleury. Esteve na guerra durante todo o período da campanha, participando de grandes batalhas, sempre agindo com bravura nos confrontos, assim como o músico Clarimundo José da Silva, também foi uma vítima do cólera, resistiu à enfermidade e participou dos embates até a tomada de Assunção, em janeiro de 1869.

1620

Vicente Nery Pereira retornou ao trabalho na Companhia de Força Policial em setembro de 1871. Em virtude de sua atuação nos campos de batalha, recebeu a Medalha da Campanha Geral do Paraguai em julho de 1876, produzida com o bronze dos canhões tomados do exército inimigo. Esta é considerada a mais alta condecoração do Império do Brasil, a honraria foi criada através do Decreto nº 4560, de 6 de agosto de 1870, concedido a quem prestou relevantes serviços nas operações contra o governo do Paraguai. Não é só de glórias que vive um miliciano; um ofício<sup>9</sup> emitido em 5 de janeiro de 1880, por Ludovico Taddei, engenheiro da câmara de Curitiba, destinado ao Comandante do Corpo Policial Manoel Euphrasio D'Assumpção, comunica o mau comportamento da praça Vicente Nery Pereira no serviço realizado na Barreira da Graciosa,

<sup>8</sup> Lei Municipal nº 6.436, 14 de novembro de 1983.

<sup>9</sup> O documento compõe o acervo do Museu Paranaense.

solicitando a sua substituição. Tal requerimento foi atendido pelo comandante. O militar, que ostentava orgulhosamente ao peito sua medalha imperial, solicitou, em abril de 1880, a reforma do serviço ativo em virtude de doença adquirida na campanha, falecendo antes da concessão do benefício, em 10 de maio de 1881. Após sua morte, recebeu como homenagem a denominação de logradouro público na cidade de Curitiba<sup>10</sup>.

Por se tratar de um ex-escravo, cabe destacar que, durante a Guerra do Paraguai, o imperador Dom Pedro II, junto de seu Conselheiro e Senador do Império, Zacarias de Góis e Vasconcelos<sup>11</sup>, baixou o Decreto n° 3725-A, de 6 de novembro de 1866, o qual concedeu a liberdade gratuita aos escravos da nação designados e em condições de servir o exército, estendendo tal benefício às suas mulheres.

Outro militar que foi agraciado com a Medalha da Campanha Geral do Paraguai, assim como Vicente Nery Pereira, foi Antônio Emílio Vaz Lobo, que recebeu a mais alta condecoração do Império do Brasil em novembro de 1872, após o término da campanha. Vaz Lobo foi nomeado alferes da Companhia de Força Policial em maio de 1857, sendo um dos recrutadores dos Voluntários da Pátria no Paraná. Conseguiu grande número de pessoas em Curitiba e passou ao posto de tenente em 27 de março de 1865, promovido pelo presidente da província Pádua Fleury. Tornou-se um voluntário em maio de 1865, seguiu com sua Companhia para o Rio Grande do Sul e lá foi incorporado ao heróico 31° Corpo de Voluntários da Pátria, constituído em sua maioria por policiais militares da Corte. O tenente Antônio Emílio Vaz Lobo obteve do Imperador do Brasil as honras do posto de Capitão do Exército e recebeu elogios por ter praticado atos de bravura na Batalha de Tuiuti, como descrito, uma das maiores batalhas ocorridas na América do Sul, na qual a perda entre os aliados chegou a 3.913 pessoas, sendo que a maioria das vítimas eram brasileiros (GONÇALVES, 2009). Recebeu também a medalha comemorativa argentina da guerra contra o ditador do Paraguai, em outubro de 1890. Há registros de que Antônio Emílio Vaz Lobo obteve a patente do posto de Coronel Honorário do Exército Brasileiro antes de seu falecimento, ocorrido em março de 1908 aos 76 anos.

## FIM DA GUERRA E O RETORNO DOS PARANAENSES

As tropas brasileiras sob o comando de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, tomaram Assunção, capital da República do Paraguai em janeiro de 1869, Solano López

<sup>10</sup> Lei Municipal n° 7122, de 9 de dezembro de 1987.

<sup>11</sup> Responsável pela instalação do governo na Província do Paraná no dia 19 de dezembro de 1853.

conseguiu fugir para os confins de Amambay, na região de Cerro Corá, quando o Exército Brasileiro seguiu em campanha até que localizasse e eliminasse o ditador paraguaio. A morte do caudilho ocorreu no dia 1º de março de 1870, quando foi atingido por uma lança no peito, ferido pelo Voluntário da Pátria Francisco Lacerda, o Chico Diabo, encerrando o maior conflito armado da América do Sul.

O regresso dos primeiros Voluntários da Pátria paranaenses aconteceu no dia 27 de abril de 1870, e houve festejos e comemorações ao longo de todo o dia. O jornal Dezenove de Dezembro noticiou o retorno em sua edição nº 1091:

Festejos - Hoje ao meio dia uma girândola de foguetes partindo da torre da igreja matriz, precedida de tiros de artilharia, anunciou a aproximação dos voluntários da pátria, filhos desta província, que aqui chegaram às 4 horas da tarde, comandados pelo tenente Fabrício, acompanhados pela banda de música de Morretes, capitão Nestor, e outros companheiros d'armas que os foram receber a grande distância.  
[...]

Acompanhados por um numeroso concurso, dirigiram-se ao quartel da polícia onde receberam uma magnífica refeição, que se prolongou até a 7 horas da noite, durante a qual o capitão Previsto, major Menezes, alferes Eulampio e outros improvisaram entusiásticos brindes, que foram cobertos pelos aplausos e sons da bela música da companhia policial. (DEZENOVE DE DEZEMBRO, 1870, p.4)

Após, dirigiram-se para o largo da Matriz e percorreram as ruas da cidade, autoridades proferiram belos discursos, e os sobreviventes que retornaram ao solo paranaense receberam as mais expressivas aclamações e entusiásticas saudações. Não houve espaço, diante dos inúmeros festejos, para os conterrâneos sepultados nos mais inóspitos pantanais do Paraguai. A alegria contagiante e retorno dos companheiros que ficaram vivos acabou por sufocar o luto de alguns que tiveram seus próximos mortos em batalhas. Outras levas de voluntários paranaenses retornaram nos meses seguintes; há registro da chegada de grupos de veteranos em 7 de maio, 15 de junho e no dia 21 de julho de 1870. (CARNEIRO, 1995; ROSA FILHO, 2000).

## RELAÇÃO DE POLICIAIS MILITARES VOLUNTÁRIOS

Além dos dezoito policiais militares relacionados na Primeira Companhia de Voluntários da Pátria, que seguiram para a Corte no dia 2 de março de 1865, conforme dados contidos no livro *Mestre* da Companhia de Força Policial, extraídos pelo saudoso Capitão João Alves da Rosa, estudioso impertinente dos emblemáticos episódios da história da Polícia Militar do Paraná, outros integrantes da corporação foram Voluntários da Pátria, conforme tabela:

**Tabela 1** - Relação de Policiais Militares da Companhia de Força Policial do Paraná Voluntários da Pátria.

Posto Graduação	Nome	Ano de nascimento	Local de nascimento	Ano de inclusão	Data de voluntário
Tenente	Antônio Emílio Vaz Lobo	1832	Curitiba, PR	1857	18/05/1865
Alferes	Nestor Augusto Morocines Borba	1842	Curitiba, PR	1861	11/03/1865
Alferes	João José Pichet	1846	Curitiba, PR	sem registro	27/02/1865
1º sargento	Sudário José de Castro	1845	Morretes, PR	1862	03/04/1865
2º sargento	José Theodoro de Freitas	1834	Paraná	1864	sem registro
Cabo	João Antônio Duarte	1841	Minas Gerais	1864	17/03/1865
Músico	Benedito Matoso do Nascimento	1844	Morretes, PR	1861	26/04/1865
Soldado	Vicente Nery Pereira	1839	Minas Gerais	1859	12/04/1865
Soldado	João Pereira de Oliveira	1841	Paranaguá, PR	1863	06/03/1865
Soldado	Salvador Gonçalves de Miranda	1834	Paranaguá, PR	1858	06/03/1865
Soldado	Jacinto Gonçalves da Veiga	1843	Morretes, PR	1861	21/03/1865
Soldado	Joaquim Gonçalves da Silva	1845	Guaratuba, PR	1861	02/03/1865
Soldado	Antônio Amâncio Alves	1839	Porto de Cima, PR	1861	12/04/1865
Soldado	Caetano José Gonçalves	1842	Paranaguá, PR	1862	12/04/1865
Soldado	Antônio Mendes Pereira	1841	Paranaguá, PR	1862	21/03/1865
Soldado	Salvador da Luz e Souza	1840	Araucária, PR	1862	12/04/1865
Soldado	Domingos Leandro Afonso	1845	Paranaguá, PR	1862	06/03/1865
Soldado	Geens Thomaz	1830	Bélgica	1863	07/03/1865

Soldado	João Gonçalves de Faria	1840	Rio Branco do Sul, PR	1864	08/03/1865
Soldado	Joaquim José da Silva	1847	Angra dos Reis, RJ	1864	16/04/1865
Soldado	Manoel Lourenço Tavares	1846	Curitiba, PR	1864	06/03/1865
Soldado	Guilherme Wupper Junior	1850	Alemanha	1865	17/03/1865
Soldado	João Batista Martin Fontes	1836	Bahia	1865	15/04/1865
Soldado	Ângelo José Brandino de Moraes	1835	Castro, PR	1859	02/04/1865
Soldado	Manoel Jacinto Pinheiro	1832	Paranaguá, PR	1859	02/04/1865
Soldado	Casemiro Manoel Vicente	1838	Morretes, PR	1860	12/04/1865
Soldado	Rufino Luiz de Moura	1844	Rio Branco do Sul, PR	1863	sem registro
Soldado	Carlos Arbans	1839	Inglaterra	1864	sem registro
Soldado	Leandro José Pereira	1837	Paranaguá	1857	07/05/1865
Soldado	Henrique Gonçalves Guimarães	1835	Curitiba, PR	1865	08/11/1867
Soldado	Manoel dos Santos	1826	Sergipe	1866	08/11/1867
Soldado	José Gonçalves Maia	1844	Paranaguá, PR	1866	11/07/1867
Soldado	Joaquim Lopes Furquim	1846	Ponta Grossa, PR	1866	09/04/1867
Soldado	João Antônio Ribeiro,	1837	Curitiba, PR	1867	09/04/1867
Soldado	Felisbino José Matoso	1848	Paranaguá, PR	1867	09/11/1867
Soldado	Francisco Vieira dos Santos	1845	Paranaguá, PR	1867	09/11/1867

Soldado	João Antônio Fagundes de Miranda	1849	Paranaguá, PR	1867	04/12/1867
Soldado	João Taborda Ribas	1826	Paraná	1855	sem registro
Soldado	Francisco Luiz	1831	Paranaguá, PR	1855	sem registro
Soldado	Manoel Domingues	1835	Paranaguá, PR	1855	sem registro
Soldado	Antônio Joaquim de Santana	1805	São Paulo, SP	1854	sem registro
Soldado	João Caetano da Silva	1850	Lapa, PR	1868	sem registro
Soldado	Antônio José de Lima	1819	Paraná	1854	sem registro
Soldado	Manoel Joaquim	1825	Paraná	1855	sem registro
Soldado	Joaquim Pereira de Souza	1834	Paranaguá, PR	1855	sem registro
Soldado	Bernardo José Marques	1835	Antonina, PR	1855	sem registro
Soldado	Francisco Antônio de Oliveira	1836	São Francisco do Sul, SC	1855	sem registro

**Fonte:** Dados extraídos de ROSA FILHO, João Alves. Guerra do Paraguai. Curitiba: AVM, 2000.

De acordo com os dados obtidos, durante todo o período da Guerra do Paraguai, o total de Voluntários da Pátria oriundos das fileiras da Companhia de Força Policial do Paraná totalizou sessenta e cinco policiais divididos em: três oficiais, três sargentos, quatro músicos, quatro corneteiros e cinquenta e um cabos e soldados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo resgata a memória da participação da Polícia Militar do Paraná na Guerra do Paraguai, um capítulo importante da história do Brasil, oferecendo um panorama valioso sobre o papel dos paranaenses no conflito, através da história de alguns membros da corporação, como Clarimundo José da Silva, Fidêncio Lemos do Prado, Vicente Nery Pereira, Antônio Emílio Vaz Lobo e Antonio Roberto, ilustrando a bravura, resiliência, coragem e sacrifício dos

policiais militares na campanha, suas medalhas, honrarias, feitos heroicos e o impacto da guerra em suas vidas.

Ao reconhecer a importância da participação da Polícia Militar, mesmo com efetivo reduzido, em virtude da sua recente criação, o estudo contribui para a valorização dos combatentes e para a construção da identidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento à corporação. As informações registradas são baseadas em fontes documentais como leis, decretos, jornais da época e relatos dos próprios combatentes, conferindo credibilidade à narrativa e permitindo o acesso a informações precisas e detalhadas sobre a participação dos policiais nos confrontos, revelando aspectos pouco conhecidos do Estado do Paraná na maior guerra ocorrida na América do Sul, as Companhias de Voluntários da Pátria e a trajetória de seus membros, enriquecendo a historiografia local e permitindo uma compreensão mais completa do papel da instituição no contexto nacional.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, David. O Paraná na Guerra do Paraguai. Curitiba. Fundação Cultural, 1995.

GONÇALVES, Leandro José Clemente. Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868. (Dissertação mestrado) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Franca, 2009, 93 p.

1626

MARTINS, Romário. História do Paraná. Curitiba. Travessa dos Editores, 1995.

MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. Revista Eletrônica Estudos Avançados 9, 1995.

NARLOCH, Leandro. Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil. São Paulo. Leya, 2011

ROSA FILHO, João Alves. Episódios da História da PMPR. Curitiba. AVM, 2000.

SOARES, Rodrigo Goyena. A Guerra de Sessenta Anos. A região-mundo platina e as causas do conflito de 1864. Revista Varia História, Belo Horizonte, 2024.

TOLEDO JÚNIOR, João Carlos. A participação da Polícia Militar do Paraná na Guerra do Paraguai. Anais XV Encontro Internacional de História sobre as Operações Bélicas na Guerra da Tríplice Aliança: 1864-1870. Rio de Janeiro, 2024: 163-180.

WINTER, Murilo Dias. História Regional e Independencia del Uruguay. Processo histórico y revision crítica de sus relatos. Ediciones de la Banda Oriental, 2011: 203-205.